

## Trocando as vestes- experiência de migração de estudantes de pós-graduação

Luana da Silveira - UERJ  
[luanadasilveira76@gmail.com](mailto:luanadasilveira76@gmail.com)

### 1.0 Conversações iniciais

A contemporaneidade nos assalta com reflexões provocadas pelo estremecimento das coordenadas mais elementares da vida. O projeto da modernidade de construção de um mundo ordenado, codificado e *identificado* é sucumbido por um território líquido, exigindo novos modos de habitar e transitar (Maffesoli, 2001; Larrosa e Skliar, 2001; Rolnik, 2001).

Segundo dilúvio: incertezas, verdades relativas, instabilidades (Rolnik, 2001). E “se o destino dos mortais é ocupar toda a terra, não devem permanecer unidos em uma única cidade, nem é conveniente que usem uma única língua” (Larrosa e Skliar, 2001, p. 35). Somos convocados a pensar possibilidades de ser e habitar a contemporaneidade de modo *babélico*, rompendo com as lógicas binárias, tais como “das fronteiras e das transposições de fronteiras, da territorialização e da desterritorialização, do nômade e do sedentário, do exílio e do desenraizamento” (ibidem, p. 9).

A partir desta convocação, este texto vai se compondo com o desafio de colocar em análise modos de subjetivação da migração a partir da experiência de estudantes de pós-graduação. Aposta-se na potência desta experiência enquanto analisadora da formação, do trabalho imaterial e dos modos de lidar com a diferença e com o diferente.

A experiência da migração é complexa e transversal na história como fenômeno cultural, social, econômico, geográfico e político. Está no cerne das transformações mundiais contemporâneas, envolvendo mudanças radicais através da articulação de planos macro e micropolíticos e da mobilização de desejos, resistências e linhas de fuga. Tais mudanças engendram e intensificam processos de circulação de pessoas, diferentes modos de habitar os territórios, afetam as noções de tempo e espaço e imprimem articulações entre saberes e redes sociais.

De acordo com Corsini (2007), no século XXI, cerca de 200 milhões de pessoas vivem em migração. Este fenômeno coloca o mundo em movimento, a existência numa rodaviva e está atrelado à própria história do capitalismo e da mobilidade do trabalho. Imprime-se uma mudança na regra da vida social, que substitui as noções de permanência e residência, para incitar a circulação de pessoas, como imperativo contemporâneo. Esta nova regra mobiliza um processo em que as fronteiras geopolíticas se tornam porosas, diluem-se, e também se fecham, tornando-se mais rígidas. Surgem novas articulações transnacionais, transculturais, e os fluxos migratórios são cada vez mais intensos, necessários, velozes e complexos.

A autora aponta o surgimento de “novos migrantes” na contemporaneidade que atendem às mudanças do mundo do trabalho pós-fordista, cada vez mais imaterial e cognitivo. Dentre eles destaca-se o processo de êxodo de cérebros, constituído pela migração de trabalhadores qualificados ou super qualificados, que não encontram, em suas cidades ou países, oportunidades para canalizar sua qualificação, contribuindo para a materialização de redes transnacionais de produção (Corsini, 2007).

As demandas contemporâneas para uma formação permanente configuram-se como uma aposta na preparação do indivíduo para uma recolocação e a educação é alvo de um investimento suplementar (Rocha, 2007). Assim, entendo que estas demandas incitam fluxos migratórios, mesmo que temporários.

A proposta de migrar para garantir uma melhor qualificação permeia os diversos programas de pós-graduação que, através de convênios com programas em outros países, estimulam a realização da experiência de intercâmbio. As principais agências de

fomento à pesquisa e de financiamento à formação de acadêmicos do país concedem bolsas a estudantes de pós-graduação com o objetivo de desenvolver as atividades da pós-graduação brasileira no contexto mundial, buscando o status de excelência.

Neste sentido, torna-se fundamental colocar em análise os modos de subjetivação contemporâneos engendrados pela migração de estudantes de pós-graduação em intercâmbio internacional, que também são trabalhadores imateriais e cognitivos. A análise desta experiência situa-se no campo da produção de subjetividade, constituído por um movimento ininterrupto, gerador de expectativa e aberta ao devir (Guattari e Rolnik, 1986), acompanhando e produzindo movimentos de vida nos interstícios das relações entre *migrantes* e *nativos*.

A migração pode ser entendida de modos distintos, destacando-se duas vertentes (Corsini, 2007). Na primeira é compreendida como algo negativo, uma forma de sobredeterminação e exclusão, que destaca a perspectiva da integração do migrante ao seu novo território, e as tentativas de captura, neutralização ou homogeneização do “estrangeiro” pelos “nativos”. Na segunda, é entendida em termos positivos, valorizando-se o protagonismo do migrante nos processos de ruptura e/ou fuga, que suplantam as relações de exclusão e subordinação, evidenciando a dimensão de resistência e constituição de liberdade.

Neste trabalho, a partir das contribuições de autores da Autonomia das Migrações, entre outros, valoriza-se o aspecto da autonomia em busca de liberdade, de novas possibilidades de trabalho e de produzir a própria vida.

Mezzadra (2005) concebe a migração como um processo complexo, uma experiência social concreta, entrecortada por linhas de dominação e de exploração que se reconstituem social, política e economicamente. Para ele, o migrante é atravessado por dificuldades, necessidades e possibilidades, com um grande potencial de transformação, não sendo nem vítima nem herói.

A afirmação da migração enquanto modo de resistência é defendida por Negri e Hardt (2001). Para eles, a migração funciona como *deserção* da soberania e dos limites que ela impõe à subjetividade.

Para Virno (2004), a migração é um fenômeno que pode ser entendido como um verdadeiro êxodo, interrompendo e contrariando uma ordem constituída. É neste sentido que Corsini (2007) acredita na pertinência de interpretar as migrações como um êxodo constituinte.

Desde a antiguidade, o migrante está atrelado à figura do estrangeiro, é o ser da passagem, do cruzamento com a alteridade para além de identidades fixas. Enquanto diferente, estranho, o migrante pode assumir o lugar do inimigo, aquele que desestabiliza e ameaça (Larrosa e Skliar, 2001). Em qualquer sociedade, a figura do errante é paradoxal, marcada por fascínio e repulsa (Maffesoli, 2001).

Para Corsini (2007), é a ambivalência constitutiva que demonstra a dimensão paradoxal da migração contemporânea, sendo a condição comum de todo migrante. Embora existam experiências diferentes de migração e formas diferentes de ser migrante, o que há em comum é o estar sempre situado na fronteira, no interstício entre dois espaços: da fuga e da acolhida.

Que modos de subjetivação são produzidos pela experiência da migração? Possibilitam transitar e inventar novos territórios existenciais? Que instituições e tecnologias de poder atravessam e produzem modos de subjetivação? Essa experiência perpassa pelo sofrimento? Que redes são desfeitas, construídas e incitadas a partir da experiência da migração?

Estes questionamentos são importantes para reflexão crítica sobre a migração e o migrante, as diferenças, o diferente. Também propiciam a problematização da

experiência migrante, que implica na ruptura da lógica que decreta um modo *a priori* de estar na vida, relacionando o desejo de mudar necessariamente a alguma insatisfação. e não como um modo de afirmação de desejos de outras possibilidades de existência.

## 2.0 Trocando as vestes

A partir da lógica de circular para produzir, novas formas de exploração e da composição técnica do trabalho engendram mecanismos de socialização do conhecimento (Cocco e Malini, 2002). Neste processo, muitas pessoas, mergulhadas em jogos de forças complexos e descontínuos, avaliam sua experiência migratória, os novos modos de vida e seus desdobramentos. Muitos estudantes com bolsa para doutorado sanduíche questionam o seu retorno, porque a experiência incita o desejo de permanência e alguns não retornam a seus países, enquanto outros não suportam a experiência disruptiva da migração e retornam antes do tempo previsto.

Tensão permanente que exige a afirmação de escolhas a todo instante. É a vida pulsando numa roda-viva que expõe a carne às intempéries do tempo. O processo de desterritorialização, permeado por incertezas, angústias, amedronta como também produz invenção de novos modos de vida, quando há abertura para penetrar as entranhas do novo território, se perdendo nele como tempo do cultivo e da habitação de um território existencial. Numa espécie de desligamento dos planos da movimentação automática e incerta do dia-a-dia, imprime-se uma concentração de uma estranha atenção desfocada, uma espreita atenta a diversos eventos inesperados, disposição a perder tempo e assim ganhar mais intimidade. Conforme Alvarez e Passos (2009), após a habitação da cidade, novos hábitos vão sendo engendrados através de experiências concretas e as generalizações vão se encarnando em novas ideias e conceitos corporificados.

Para colocar em análise esses processos, a partir da contribuição de Larrosa (2002) entende-se por *experiência* uma ética, estética e política existencial, marcada por aquilo que nos passa, que nos acontece, que nos toca, invocando travessia e perigo. É regida pela incerteza, que abre o campo da possibilidade, sem antecipar seus resultados, compondo com a realidade, expressando o movimento e a multiplicidade desta.

O processo da migração provoca turbulências nas noções de tempo e espaço. Pelbart (1998) concebe o tempo como massa modulável, signo de uma pluralidade intensiva, não uniforme, não homogênea, mas como potência, imanente, singular, ponto de paciência, de tédio, insípido, caótico e intempestivo. O tempo só é acessível via espaço, entendido como espaçamento vertiginoso, estado intensíssimo quando habitamos uma distância assustadora, traduzida em atordoamento. “No tempo, mais dois elementos que coexistem, presente que não pára de passar, o passado que não pára de ser, mas pelo qual todos os presentes passam. O passado como condição de passagem dos presentes” (ibidem, p. 37).

A dinâmica da migração para ser entendida requer que se discuta sobre subjetividade, que é uma noção inseparável da noção de produção, cujas máquinas sociais são muito variadas (Guattari e Rolnik, 1986). Subjetividade, portanto, fabricada e modelada no registro social, cujo devir pode ser atravessado por fluxos estratificantes e territorializantes que podem desembocar em subjetividades engessadas, ameaçadas de paralisia. Guattari (1992) aponta que muitos movimentos podem encarnar em territorializações conservadoras e/ou subversivas da subjetividade, que dependem das articulações com os agenciamentos coletivos de enunciação. A subjetividade é atravessada por um aglomerado de forças heterogêneas, que emergem nos encontros, nas relações, sem nenhuma primazia hierárquica de qualquer componente ou determinante, como *autopoiese* permanente.

Rolnik (2000) afirma que a subjetividade possui uma face formal, na qual o indivíduo se reconhece, e outra sensível, correspondente à capacidade de afetar e de ser afetado por universos produtores de sensações e desestabilizações. Esses processos geram modos de singularização, inventivos e resistentes à subjetividade serializada, e exercem pressões desencadeadoras de tensões, desestabilizações e sofrimento psíquico.

Para Mezzadra (2004) as experiências migrantes são vivenciadas como ponto de intersecção entre a liberdade do sujeito e a ação de barreiras e limites impostos por instituições e tecnologias de poder.

Deleuze e Guattari (1997) analisam dois modos de subjetividade, a do nomadismo e a da migração, cujos processos convivem e se atravessam. O migrante é o que vai de um ponto determinado a outro, enquanto o nômade é aquele que sente toda a terra como seu habitat. O nômade se move de maneira turbilhonar pelo espaço, fazendo de suas roupas e pertences, o seu "território". A subjetividade migrante estaria fortemente marcada por uma busca incessante numa só direção, na busca de algo que possibilite a estabilização.

A experiência do migrante pode ser extremamente rica, os processos de ruptura, perplexidade, desorientação, estranheza e diferença podem propiciar uma invenção de si e do outro, que ao mesmo tempo pode ser dolorosa e potencialmente criativa.

Vários estudos sobre migração pontuam que essa experiência gera *choque cultural* ou *estresse de aculturação*. Segundo Silva (2004), este choque cultural se expressa por uma espécie de saudosismo, estresse e pressões, frustração, fadiga mental, dificuldade de trabalhar e se relacionar, tédio, perda da motivação, hipersonia ou insônia, dores musculares. Também se expressa através da raiva dos "nativos", quando vê frustrado seu desejo de retornar para casa, e sentimentos de impotência por não se sentir capaz de lidar com o novo. Estes sintomas se intensificam por causa da diferença da língua, do clima, da alimentação, entre outros e acontecem tanto no momento da partida como no retorno, exigindo a reterritorialização. Como ocorre com estudantes que ao regressarem à sua cultura, são acometidos por depressão, ansiedade, preocupação, tédio, interferindo na construção de laços, de planos e na produção cotidiana.

Problematizar o processo paradoxal da migração é crucial para colocar em análise modos de existência que são produzidos pelas experiências disruptivas, visando articular a formação ao processo migratório. Para Rocha (2007), o processo da formação é paradoxal. Tanto produto do encontro das práticas de assujeitamento uniformizadas – na temporalidade da instituição de ensino, entendida como usuária e usina do conhecimento – quanto produto de uma potência de campos de afecção, de territórios de intensidades geradoras de movimento, configurando a formação como acontecimento.

O estudante pode experimentar tanto o isolamento no seu processo de produção, como também a solidão produtiva que "não é isolamento, pelo contrário, é afecção, e reconciliar-se com a solidão é a condição de singularização de caminhos e práticas" (Rocha, 2007, p.40). A situação de migrante pode intensificar esse processo e/ou gerar sofrimento psíquico.

O migrante é enredado por vários dramas que engendram diversas redes que, muitas vezes, moldam esta experiência numa certa ordem através de seus discursos etnocêntricos. Por isso tende a constituir redes de migrantes, preferencialmente com pessoas que são do mesmo país, da mesma cultura e que falam o mesmo idioma (Assis, 2002).

Rolnik (2000) analisa a construção de sintomas, que funcionam por insistência na referência identitária, uma espécie de sedativo contra o mal-estar vivido no movimento existencial de poder vir a ser outra composição. A recusa do novo, da aventura na processualidade inerente à vida, faz eclodir o sintoma, que corresponde a uma

paralisação provocada pela política globalizante de extinção das diferenças e produção de identidades totalitárias e rígidas. Nessa perspectiva, o sintoma no migrante pode ser entendido como uma *teimosia em ser idêntico a si mesmo sempre*, a partir de agenciamentos coletivos que incitam o enrijecimento. Não é a perda da identidade, lamúria contemporânea, que gera sofrimento, mas a insistência no mesmo, o que esconjura o estranho e o inédito, enclausurando a vida em ilhas-território, comprometendo as novas e antigas relações sociais.

Em vários estudos, a temática da migração está acoplada com a da identidade, abordando-se que as perdas de referenciais geram frangalhos identitários e identificatórios, surgindo a necessidade de construção de novos referenciais para suportar a desestabilização. O conceito de identidade remete a idéia de mesmo, de idêntico, de permanência, unidade, de diferente do outro. Implica no reconhecimento de padrões estabelecidos, com fronteira estável, segura, visível, para poder consolidar-se num *eu*. E este eu não é o *outro*. É algo próprio, exclusivo do indivíduo ou de determinado coletivo.

Corsini (2007) propõe o entendimento da identidade como multiplicidade, relação e produção de diferença, contrapondo-se à perspectiva binária e determinista. Para ela o conceito de identidade ainda é relevante “quer seja em uma dimensão filosófica – desde que a pensemos em termos de processo, de produção de diferença –, quer seja na perspectiva dos fenômenos sociais – ajudando-nos a nos situar nos contextos das nossas relações” (Corsini, 2007, p.54).

Contudo, mesmo problematizando o conceito, ao não abandoná-lo acaba apenas *reformando* um conceito que é *reacionário* (Guattari e Rolnik, 1986). Para Guattari “a identidade é um conceito de referenciação, de circunscrição da realidade a quadros de referência, quadros esses que podem ser imaginários” (1992, p. 68). É um modo de captura da existência, que passa a ser localizada, identificada, fixada. E fixar significa dominar (Maffesoli, 2001).

Portanto, para compreender a dinâmica da migração, o conceito de identidade é perigoso e inadequado, por isso prefiro falar em produção de subjetividades, em modos de subjetivação, que em sua experiência com o tempo, emergem como planos de produção ininterruptos. Por isso, entende-se que a posição de migrante, de poder circular pelo mundo sem se prender a nacionalidades, sem pertencimentos absolutos a culturas ou Estados, detona a ilusão da identidade, denuncia que todos somos multiplicidade (Deleuze, 1997).

#### **4.0 Conversações finais**

Fluidez, fragmentação e transitoriedade, como modos de subjetivação das experiências migratórias contemporâneas, apontam para a impossibilidade de simplificar, reduzir ou integrar em uma definição única a multiplicidade destas experiências.

Os estudantes migrantes são atravessados por experimentações disruptivas, tanto no cotidiano na sua relação com pessoas, com o tempo, espaço, língua, clima, alimentação, entre outros, como pelo próprio processo da formação e de produção de trabalho imaterial, cognitivo. Ao se problematizar tais processos, algumas interrogações surgem sobre modos de vida que são inventados e/ou paralisados nos seus interstícios, considerando-se que o paradoxo e o sofrimento são constitutivos da migração.

Rocha (2007), ao analisar o contexto escolar, coloca que as práticas da formação são atravessadas por vários processos administrativos vinculados à organização institucional, resultando em grande investimento num saber-repetição. Tal investimento reforça a padronização e a hierarquização. Esta lógica administrativa, também presente no ensino superior, estrangula o fluxo virulento do pensamento inventivo, o que nos

impele a interrogar sobre os imperativos de transformação de si em debate com as normatizações, padrões de eficiência, modelos bem-sucedidos apontados como formação competente. Para exemplificar, podemos pensar sobre o efeito *lattes* que sofremos atualmente, que é gerador de uma corrida desenfreada para produzir e publicar. Ademais, nas diversas conformações institucionais “temos encontrado como eixo comum o individualismo, o isolamento, o bloqueio da comunicação, fatores que dificultam a afirmação de outros modos de ser, a diferença engendrada na coletivização do processo” (Rocha, 2007, p. 186).

Como habitar inventivamente a academia na atualidade sem um devir outro no rigor e na eficácia? O que está em questão nas experiências de migração, no situar-se, quando tudo muda menos a aceleração das exigências adaptativas e prescritivas? Quais são as alianças possíveis para escapar do isolamento e potencializar afecções que possam engendrar processos de singularização através da solidão produtiva?

Para tanto, acredita-se em um funcionamento institucional que prime pela produção coletiva, pela autogestão e na educação como uma prática do pensamento.

Como reconciliar-se com a solidão e fazer disso um encontro potente que dê passagem aos fluxos desejantes que se materializem num ensaio, artigo, tese?

Para Deleuze (1997), o escritor, assim como o filósofo, deve estar *à espreita* dos acontecimentos, o que requer uma política cognitiva de uma concentração desfocada, um exercício atencional de sensibilidade e maior abertura ao campo de forças. Estar *à espreita* é também colocar em análise o que nos afeta, algo que parece ser transversal à experiência de muitos migrantes.

Viver nas grandes cidades, muitas vezes, é experimentar o estranhamento de estar rodeado por milhares de pessoas e sentir-se um *solitário anônimo*, denotando um certo sentimento migrante.

Em tempos obcecados pela mobilidade, há que se tomar cuidado com falsos profetas que prometem um mundo dinâmico, móvel. Precisamos incitar modos de subjetivação nômades, aceder às errâncias do desejo e apostar na potência de diferir de si mesmo, de se descolar de si, de estar *à deriva* ao acaso dos encontros (Guattari, 1992).

O desafio assumido neste trabalho não se encerra neste momento. Enquanto autora, nômade e militante da diferença, lanço-me ao convite de seguir dando passagem aos fluxos de pensamentos e afetos que compuseram a travessia em curso. Aproveito ainda, para tecer fios com os possíveis interlocutores, convidando-os para continuar a viagem, mesmo que (e ainda que!) possamos seguir por outros sentidos.

## 5.0 Referências

COCCO, G. & MALINI, F. *Circular para produzir: novos mecanismos de socialização do conhecimento. Revista Rio de Janeiro: Trabalho e Sociedade*. Rio de Janeiro: IETS, 2002.

CORSINI, L. F. *Êxodo constituinte: multidão, democracia e migrações*. 2007. 223f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro [2007].

DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F.. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.5. São Paulo: ED. 34, 1997.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Micropolíticas: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

- LARROSA & SKLIAR (org.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. BH: Autêntica, 2001.
- LARROSA, J. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: ANPED, jan/fev/mar/abr, nº 19, 2002.
- MAFFESOLI, M. *Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. RJ: Record, 2001.
- MEZZADRA, S. *Derecho de fuga: migraciones, ciudadanía y globalización*. Madri: Traficantes de Sueños, 2005.
- NEGRI, A. & HART, M. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- PELBART, P. P. *O tempo Não Reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- ROLNIK, S. Novas figuras do caos: mutações da subjetividade Contemporânea. IN: FONSECA, T.; FRANCISCO, D. (orgs.). *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.
- \_\_\_\_\_. Subjetividade antropofágica. IN: MACHADO, L. D.; LAVRADOR, M.C.C.; *Texturas da Psicologia: subjetividade e política no contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo., 2001.
- ROCHA, M. L. A formação como acontecimento: solidão, pensamento e autogestão. IN: MARCONDES, A. M. M; FERNANDES, A. M. D.; ROCHA, M. L. *Novos possíveis no encontro da psicologia com a educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- SILVA, M.A.M. *Migração e Adoecimento: a cultura e o espaço de simbolização da doença*. Tese de Doutorado (Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas). CAMPINAS – SP, 2004.
- VIRNO, Paolo. *A Grammar of the Multitude*. Los Angeles: Semiotext(e), 2004.